

Revista de Portugal

nº 12.2015

Direção: Luís Manuel de Araújo

Anual, Novembro 2015

Registo ICS 124625

Preço: 10€



EÇA DE QUEIROZ. — (Desenho do natural, por COLAÇO.)

170 Anos do Nascimento de Eça de Queirós

Revista de Portugal

Anual, n.º 12, novembro de 2015

Registo ICS 124625

Propriedade/editor: Amigos do Solar Condes de Resende - Confraria Queirosiana

Solar Condes de Resende

Travessa Condes de Resende, 110

4410-264 CANELAS VNGaia

Portugal

NIPC: 506285685

Telefone - 227 531 385

Telemóvel - 968 193 238

E-mail - queirosiana@gmail.com

www.queirosiana.pt

academiaecadequeiros.blogspot.com

confrariaqueirosiana.blogspot.com

eca-e-outras.blogspot.com

vinhosdeeca.blogspot.com

Diretor: Luís Manuel de Araújo

Diretores adjuntos:

J. A. Gonçalves Guimarães

José Manuel Alves Tedim

Conselho de redação:

Amélia Maria Gomes Sousa Cabral; Carlos Alberto Dias de Sousa; César Fernando Couto Oliveira;

Henrique Manuel Moreira Guedes; Ilda Maria Oliveira Pereira de Castro; José António Martin Moreno Afonso;

José Manuel de Carvalho Ribeiro; Laura Cristina Peixoto de Sousa; Licínio Manuel Moreira Santos;

Manuel Filipe Tavares Dias de Sousa; Maria de Fátima Teixeira; Nuno Miguel de Resende Jorge e Mendes;

Pedro Almiro Neves; Susana Maria Simões Moncóvio.

Conselho consultivo:

Américo Guerreiro de Sousa; Anabela Mimoso; Carlos Reis; Dagoberto Carvalho Júnior (Brasil); Fernando Coimbra;

Fernando Manuel P. J. Silva; Francisco Ribeiro da Silva; João de Castro de Mendia (Conde de Resende); José Rentes de Carvalho; Nassaete Miranda e Ricardo

Charters d'Azevedo

Redação:

Amélia Cabral

Maria de Fátima Teixeira

Capa:

Eça de Queiroz – desenho do natural por Jorge Colaço, in A Revista.

Ilustração Luso-Brazileira, anno 1 – número 2, 20 de junho de 1893, capa.

Paginação e Impressão:

URBIFACE - Meios Publicitários, Lda.

Copyright: autores, salvo acordo em contrário de acordo com a lei.

Tiragem: 500 exemplares

ISSN: 1646-0952

Depósito legal: 218581/04

O conteúdo, a ilustração e a revisão dos textos publicados são da inteira responsabilidade dos autores. A direção dos Amigos do Solar Condes de Resende - Confraria Queirosiana é absolutamente contrária a qualquer forma de censura ou cerceamento da liberdade de criação e de expressão.

Por esse motivo podem os artigos publicados não refletir exatamente as opiniões da direção ou da Confraria, mas apenas as dos autores.

Revista de Portugal: Estatuto editorial

1. A *Revista de Portugal* é o boletim cultural dos Amigos do Solar Condes de Resende - Confraria Queirosiana e a sua publicação tem por objetivos os consignados nos Estatutos da associação nos artigos 3º e 4º.
2. A Direção dos ASCR-CQ nomeia o diretor e o conselho editorial, bem assim como o conselho consultivo, de entre os sócios da associação, com exclusão de quaisquer outros, os quais se constituem em Comissão Especial prevista no Artº 43 dos Estatutos, com o nome de Comissão da Revista, adiante designada por CR.
3. A CR proporá à Direção as condições de edição de cada número, o seu conteúdo e as condições de distribuição, bem assim como quaisquer protocolos a celebrar com terceiros, devendo todos os seus atos serem sancionados por aquele órgão, sob risco de nulidade.
4. A CR deverá dar preferência à colaboração científica, literária e artística dos sócios, tendo em conta os objetivos dos ASCR-CQ e um rigoroso critério de qualidade.
5. A colaboração não solicitada, desde que aceite, será gratuita; a colaboração encomendada será remunerada, de acordo com as propostas da CR e das disponibilidades financeiras dos ASCR-CQ.
6. Os originais entregues (texto e imagens) para publicação deverão ser propriedade integral dos respetivos autores e obedecer aos princípios consignados na Lei dos Direitos de Autor e Direitos Conexos e observar a Norma Bibliográfica Portuguesa, o Acordo Ortográfico, bem assim como a Lei da Imprensa.
7. Os originais devem ser dirigidos aos ASCR-CQ em nome de *Revista de Portugal*, ou ao seu diretor, em CD e impressão em papel, acompanhados de autorização por escrito do autor, autores, ou seu representante, conforme os casos e o contrato celebrado.
8. Todos os originais serão devolvidos aos respetivos autores.
9. A *Revista de Portugal* é gratuita para os sócios e confrades dos ASCR-CQ.

Sumário deste número

Editorial

Efemérides queirosianas e outras

J. A. Gonçalves Guimarães 3

Por quem os sinos dobram?

Dagoberto Carvalho Jr. 4

IN MEMORIAM

Dona Maria da Graça Salema de Castro 6

Professor Doutor João Francisco Marques 7

Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno 8

Da intervenção arqueológica ao Museu de Sítio: a experiência da Quinta da Ervamoira.

J. A. Gonçalves Guimarães 9

Companhia de Fiação e Crestuma. Cem anos de História: novos contributos.

Maria de Fátima Teixeira 27

A construção épica do Amor na poesia de Antero de Quental.

Alda Barata Salgueiro 31

Revistar o ensino da Língua e Literatura Portuguesa.

Anabela Mimoso 37

Andersen (Hans Christien). Uma curta estadia em Sintra.

José Gonçalves 44

O "Lugar" de Cinfães na sátira literária oitocentista.

Nuno Resende 49

A descoberta da criança rural em Portugal nos anos 30 do século XX.

José António Afonso 57

Saúde Mental hoje, como se ganha, como se perde.

Jaime Milheiro 64

Presença copta em Portugal

Luís Manuel de Araújo 70

Bibliografia dos sócios 2014

78

Atividades dos ASCR-CQ 2014

83

Quinta da Ervamoira: da Arqueologia ao Museu do Sítio

J. A. Gonçalves Guimarães

Gabinete de História Arqueologia e Património (ASCR-CQ);
ggui@portugalmail.pt

Resumo: Em 1974 a Casa Ramos Pinto adquiriu a Quinta de Santa Maria situada na margem esquerda do rio Côa, atravessada pelo caminho que, a vau, ligava as Chãs a Castelo Melhor.

Rebatizada em 1983 como Quinta da Ervamoira, das culturas de sequeiro e alguma horticultura passou a ser uma quinta de vinha plantada segundo inovadores métodos que se refletiram na qualidade dos seus vinhos. Em 1984, quando se pensava aumentar a área do plantio, apareceu um sarcófago em pedra que desencadeou a intervenção arqueológica no verão, entre 1985 e 2004, e a partir de 1996 e até àquele último ano, uma semana de estudos interdisciplinares na primavera.

Entretanto ocorre na sua periferia a descoberta da Arte Rupestre do Côa e desencadeia-se o processo do seu estudo, valorização e classificação, o qual chamou a atenção internacional para o património da região.

Daquela atividade arqueológica e patrimonial ficaram o Museu de Sítio de Ervamoira e dezenas de trabalhos publicados sobre esta outra arqueologia do Vale do Côa.

Palavras-chave: Côa; Ervamoira; Antiguidade Tardia; Museu.

Abstract: In 1974 Casa Ramos Pinto bought Quinta de Santa Maria de, placed in the left bank of Côa river, crossed by the path which, by wading, connected Chãs to Castelo Melhor.

Renamed in 1983 as Quinta da Ervamoira, cereal cultures and some horticulture were replaced by vineyards planted according to innovative methods reflecting in the quality of its wines. In 1984, when the planting area was about to grow, a stone sarcophagus appeared, leading to archaeological intervention in Sum-

mer between 1985 and 2004 and, since 1996 until that same last year, a week of interdisciplinary studies in Spring.

Meanwhile, on its periphery, Côa Valley Rock Art was discovered and its study and classification started catching international attention to the heritage of the region.

That archaeological and patrimonial activity resulted in the Museu de Sítio de Ervamoira and many studies published about this and other archaeology of the Côa Valley.

Key-words: Côa; Ervamoira; Late Antiquity; Museum.



Fig. 1 – Museu de Sítio de Ervamoira (MSE), 1997; fotografia de J. A. G. G..

1. Localização e história do sítio

A Quinta da Ervamoira, antes de 1983 designada como Quinta de Santa Maria, fica localizada na margem esquerda do rio Côa, com terrenos que se distribuem pelas freguesias de Chãs e de Muxagata, concelho de Vila Nova de Foz Côa¹.

O seu suporte geomorfológico são as formações do complexo xisto-grauváquico (RIBEIRO, 2001). As restantes características físicas, climáticas, paisagísticas, etnográficas e administrativas estão já bem descritas em diversa bibliografia do vale e da região, razão pela qual

nos dispensamos de as repetir aqui, sendo interessante confrontar os relatos existentes das diversas épocas para se verificar como, mesmo em região tão remota, e que permaneceu relativamente isolada e afastada dos grandes centros urbanos até a chegada do comboio ao Pocinho em 1887, as atividades primordiais da caça, pastorícia, agricultura, moagem, produção de cerâmica, navegação, almocrevaria e exploração de pedreiras e minas, se foram modificando ao longo dos tempos, sobretudo depois da 2.^a Grande Guerra, acabando por se extinguirem algumas delas, e outras estão em vias de acelerado desaparecimento em virtude da onnipresença recente da economia do vinho e do turismo².



Fig. 1 – A Quinta da Ervamoira no Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Antes da nossa intervenção arqueológica nesta quinta a sua história era vaga, para não dizer ignorada e reduzida a escritos eclesiásticos que pouco mais referiam que a sua capela, datados de 1733, 1758 e finais do século XVIII³. Abandonada esta, a sua imagem de roca de Nossa Senhora foi levada para a igreja das Chãs, onde ainda hoje de encontra (TRABULO, 1992: 126 e 163; GUIMARÃES, 1997: 26/27; TRABULO,

2000: 94). Da sua antiga implantação ficou um terreiro socalcado, com vestígios das suas paredes e, no lado oposto, a norte, as de um telheiro para abrigo dos animais dos romeiros, área que escavamos com resultados já parcialmente publicados (GUIMARÃES, 2010: 162-174).

Subsistindo alguma memória oral recente pelo facto de se encontrar arrendada há várias gerações à família Sobral das Chãs, sendo propriedade de uma outra família de Valongo dos Azeites, São João da Pesqueira, foi a sua compra pela Casa Ramos Pinto em 1974 que lhe mudou o rumo produtivo dos cereais e hortícolas de subsistência para a grande produção vinícola, passando a ser uma das propriedades de referência do Douro Superior e de toda a região demarcada para a produção de vinho de mesa e do Porto⁴. O antigo rendeiro foi mantido como feitor, tendo alertado os novos proprietários para a existência na quinta de vestígios «dos antigos» que importava respeitar aquando da surriba dos terrenos para as novas plantações, o que veio a acontecer⁵. A história recente da propriedade está contada numa obra entretanto publicada em que somos um dos autores (ALMEIDA & GUIMARÃES, 2013: 284-295).

A quinta tem uma casa antiga, construída no estilo da região, com paredes de xisto com aberturas por cunhais e padieiras de granito, a qual poderá ter sido refeita e alargada ao longo dos tempos com silharia proveniente de outras construções nas redondezas, desde materiais romanos até cantarias de uma ponte localizada para montante perto da quinta e há muito tempo derruída. No lado sul, separada da casa principal, fica a casa do forno, com o dito no interior, tendo sido também utilizados na sua construção antigos silhares e cantarias de granito. Como entretanto foi construída uma outra casa recente na quinta ainda nos anos oitenta, aquela foi ficando abandonada e destituída de funções, pelo que em 1996 foi decidido transformá-la em Museu de Sítio (GUIMARÃES, 1998 a: 149-185 e *idem*, 1998 b: 205-208).

2. A Arqueologia na região antes da criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC)

Por volta de 1939 o médico e autarca fozcoense, Dr. José Silvério de Andrade, que habitualmente «calcorreava os sítios isolados do Vale do Côa», terá reparado que as suas rochas apresentavam gravuras que terá divulgado em meios restritos, sem qualquer resultado para o seu estudo (BAPTISTA, 1999: 42, nota 3). A sua existência, ainda que precariamente conhecida, e a ocorrência de outros objetos avulsos que iam aparecendo, levaram o arqueólogo e professor Adriano Vasco Rodrigues, profundo conhecedor da região de onde é natural, a equacionar, logo nos anos cinquenta do século passado, o enorme potencial arqueológico pré-histórico do vale do Côa, aspeto para o qual foi chamando a atenção em vários trabalhos que foi publicando⁶. Entretanto em 1960, D. Domingos de Pinho Brandão, que se dedicava ao estudo da epigrafia romana, às vezes em colaboração com o referido arqueólogo no que diz respeito a esta região, publica a ara dedicada a Júpiter da igreja de Vila Nova de Foz Côa (BRANDÃO, 1960: 66-70), iniciando-se aqui os estudos de arqueologia romana por parte destes dois investigadores, o segundo dos quais tem vindo a publicar também as suas antigas recolhas de instrumentos e vestígios pré-históricos da região (RODRIGUES, 2003:159-167; *idem*, 2005: 179-184).

Em 1977, Nelson Campos Rebanda, ainda estudante, toma conhecimento da existência, na margem direita do rio Douro, do grupo de gravuras do cavalo do Mazouco, que haveria de visitar e anotar já como aluno da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) em 1981, dando de tal conhecimento aos seus professores que de imediato ali se deslocam e publicam os primeiros artigos sobre o achado (REBANDA, 1998: 145-147; JORGE; JORGE; ALMEIDA, SANCHES & SOEIRO, 1981 e JORGE;

JORGE; SANCHES & RIBEIRO, 1982). Estava iniciado o estudo da arte paleolítica na região que haveria de conhecer dias deslumbrantes.

Em meados de 1982, uma equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desloca-se para a região para realizar «os trabalhos de prospeção das zonas que em breve seriam submersas pelas águas da albufeira da barragem do Pocinho» e descobre «um primeiro grupo de cinco rochas insculptadas na margem esquerda do rio Douro, no sítio do Vale da Casa (freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa)», depois estudadas e publicadas por António Martinho Baptista (BAPTISTA, 1983: 57-69), tendo então este arqueólogo concluído que este sítio «teve pelo menos duas fases distintas de ocupação», preconizando estes primeiros achados o que na década de noventa haveria de ser detetado ao longo do Vale do Côa. Mas a prospeção não teve então imediata continuidade.

Ainda em 1980, em Freixo de Numão, é fundada, por António do Nascimento Sá Coixão, professor e arqueólogo, e alguns mais, a Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão (ACDR), que tinha em vista, entre outros propósitos, a elaboração da Carta Arqueológica do concelho, que virá a realizar. O referido arqueólogo inicia escavações naquela localidade em 1982, e depois noutras estações romanas da região, as quais tiveram continuidade até aos dias de hoje, estando algumas delas já musealizadas (COIXÃO, 2013).

Do outro lado do rio Douro, em Moncorvo, em 1983, também fundado por alunos da FLUP, tinha nascido o Projeto Arqueológico da Região de Moncorvo (PARM), que oficializou a sua existência em 1986, o qual faria diversas intervenções na área também até à atualidade, estando na origem da criação do Museu do Ferro (CAMPOS, 2013).



Fig. 3 – Início da intervenção arqueológica em Ervamoira, abril de 1985; fotografia de J. A. G. G..

Em novembro de 1984, o autor deste texto, como membro do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia (GHAVNG), fundado em 1982, a pedido de José Ramos-Pinto Rosas, administrador da Casa Ramos Pinto, com o administrador Ricardo Nicolau de Almeida e a arqueóloga Maria da Graça Peixoto, visitou na Quinta da Ervamoira o local onde o feitor tinha alertado para a existência de uma «caixa de pedra dos antigos» que importava avaliar. No ano seguinte, logo na primavera, iniciamos o seu estudo, o que daria origem, no verão seguinte, à descoberta da estação arqueológica aí existente, cujos primeiros resultados foram apresentados numa sessão do 1.º Congresso Internacional sobre o Rio Douro realizada na Universidade de Vila Real a 29 de abril de 1986. Desde 1985 decorreu naquela quinta uma campanha anual no verão até 2004, complementada desde 1997, com as Semanas de Estudos Especializados realizadas nas férias da primavera, também organizadas pelo GHAVNG com a colaboração da Universidade Portucalense Infante D. Henrique (UPT), onde exercíamos a docência, em horário pós-laboral desde 1991, e do Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP); (GUIMARÃES & PEIXOTO, 1988; *idem, idem*, 1994: 235-262; GUIMARÃES, 2004: 141-151)⁷.

Entretanto Sá Coixão prosseguia o seu traba-

lho nas estações arqueológicas que ia descobrindo em volta de Freixo de Numão, enquanto completava o levantamento da Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa, com alargamento aos vizinhos concelhos da Meda e de S. João da Pesqueira, o qual lhe vinha revelando novos sítios da Pré-história Recente que importava estudar. Consciente de que não o podia, nem devia, fazer sozinho, em 1989 convidou a deslocarem-se ao concelho os professores da FLUP, Susana Oliveira Jorge e Vítor Oliveira Jorge, a quem entrega nesse ano o estudo do chamado Castelo Velho, a que se seguiria o de Castanheiro do Vento, a partir de 1998, ao segundo daqueles professores. O primeiro local, depois de intervencionado, foi musealizado e aberto ao público em 2005; o segundo, tendo começado a ser intervencionado em 2003, continuou a ser estudado até à atualidade. Entretanto, compilando todas as informações orais, recolha de materiais, conhecimento pessoal dos sítios, resultados das prospeções e escavações, Sá Coixão apresenta naquela Faculdade a sua dissertação de mestrado sobre «A ocupação humana na Pré-história Recente na Região de Entre Côa e Távora», publicada em 1999 (COIXÃO, 1999 *a*; JORGE; CARDOSO; PEREIRA & COIXÃO, 2003; JORGE, 2013:143-158).

Com a nossa intervenção em Ervamoira a decorrer, e na sequência do que líamos nas publicações de Adriano Vasco Rodrigues, íamos percebendo que o sítio tinha ocupação tardo-romana e vestígios da Antiguidade Tardia, mas também medievais, pelo que passamos a redobrar a atenção para os dados sobre a ocupação medieval da região, nomeadamente algumas referências sobre a história dos castelos⁸, enquanto decorriam já algumas intervenções arqueológicas para esta época no adro da igreja de Freixo de Numão (1985-1986), na igreja e necrópole medieval do Prazo (1995-1996), e em outras necrópoles e templos medievais da região (COIXÃO, 1999 *b*). Pelo menos desde

1993 que Michael Mathias, arqueólogo da Universidade da Beira Interior, se vinha também interessando pelo povoamento medieval da região de Riba Côa, tendo em 1997 iniciado o levantamento do Castelo Melhor, e realizado aí sondagens arqueológicas, que se prolongaram até 2000 (MATHIAS, 1995 p. 495-501; *idem* 2000:35-46).



Fig. 4 – Quinta da Ervamoira: estação romana e medieval (A); área da antiga capela (B); casa da quinta (C); fotografia de J. A. G. G..

A partir de 1993 é tornada pública a decisão de avançar com a construção da barragem do Côa, a qual, a ser feita, ia alterar completamente o clima da região e submergir grande parte do património natural, vitivinícola e arqueológico do Vale numa extensa área, tendo-se entretanto iniciado os trabalhos para a sua construção. Anteriormente tinha havido um levantamento do património arqueológico do vale para o estudo do Impacto ambiental, com a identificação de sítios com arte rupestre pré-histórica e outros vestígios de outras épocas, o suficiente para indiciar que deveria ser feito um levantamento muito mais exaustivo da área a submergir. Em consequência, a 22 de março de 1993 é formalizado um protocolo entre o Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR) e a Electricidade de Portugal (EDP), o qual institui uma equipa para tal liderada pelo arqueólogo Nelson Campos Rebanda que, à medida que os seus trabalhos vão revelando

mais e mais gravuras, rapidamente descobre «que este conjunto de arte rupestre paleolítica é, de momento, o maior que se conhece ao ar livre na Europa Ocidental, o que rompe com a ideia de uma arte essencialmente cavernícola» (REBANDA, 1995:15).

Entretanto vai apresentando o resultado do seu levantamento e da, até aí, insuspeitada riqueza cultural das gravuras à sua tutela do IPPAR que, quer a nível nacional, quer regional, era então dirigida por arquitetos com muito pouca sensibilidade e currículo para entenderem a importância destes achados, não só por parte de quem então dirigia o IPPAR-Norte, como também dos engenheiros da EDP, que davam a construção da barragem como facto consumado e os resultados complementares do levantamento um mero pro forma «para memória futura». Proporão depois o corte das pedras com gravuras e a sua arrecadação no Museu a construir. Perante esse panorama, o referido arqueólogo consegue que seja aprovada a ida ao Côa de vários arqueólogos especialistas em arte rupestre⁹, os quais não só confirmam a importância mundial dos achados, como de imediato apelam à suspensão dos trabalhos da barragem que os ia submergir. O processo, a partir daí, passa para a opinião pública através dos media, tendo sido, em 1994 e 1995, um caso singular de debate generalizado na sociedade portuguesa sobre a importância do património cultural e a valorização de um sítio com enorme carga cultural face aos interesses da política do betão, da metalomecânica e da energia dita limpa, que na realidade suja e mata, biologicamente falando, a área das albufeiras e altera o clima da região circundante, tendo-se já então vindo a questionar a sua rentabilidade económica face à produção de energia em Portugal e na Europa¹⁰.

A 17 de janeiro de 1996 o governo decidiu suspender os trabalhos da construção da barragem, mas já antes a classe profissional dos ar-

queólogos se preparara para apresentar planos alternativos. Assim, logo no primeiro semestre de 1995 a ProAPA – Associação Profissional de Arqueólogos, apresenta a sua proposta «Parque Arqueológico do Côa. Ideias e Propostas para um projeto» (LIMA; CORREIA & SILVA 1995, também publicada em JORGE 1995: 225-258), a qual contemplava não apenas o património pré-histórico, mas também todo o restante de todas as outras épocas, como evidência a considerar e valorizar na área do parque, através de centros de acolhimento, articulados com o Museu/Núcleo Central, política essa que não foi seguida após a inauguração do PAVC a 10 de agosto de 1996 e da sua inclusão na lei orgânica do entretanto criado Instituto Português de Arqueologia (IPA) a 14 de maio de 1997, da declaração de Património Cultural da Humanidade a 5 de dezembro de 1998, nem da inauguração do Museu Arqueológico do Côa a 30 de julho de 2010, pois todo o trabalho desenvolvido pela sua institucionalização foi sempre voltado para o Paleolítico e para a Pré-história, com algumas manifestações muito pontuais sobre outros aspetos da arqueologia de outras épocas na região, nas quais o PACV fatalmente tropeça, porque estão lá. Só quando o assunto Pré-história da região começou a «secar» é que o PAVC se foi virando para outras arqueologias e estudos, estando neste momento já nos inquéritos sociológicos aos idosos¹¹.

Face a este panorama, quer os projetos de Sá Coixão, em volta de Freixo de Numão, mas também noutros sítios do território, quer o projeto de Ervamoira, continuaram pois a ser desenvolvidos pelos respetivos titulares, tentando adaptar-se às novas circunstâncias, mas pouco beneficiando delas, a não ser, talvez, mais alguma visibilidade¹².

Foi assim que também logo em 1995, afastado que estava o espectro da barragem, quando interrogado pela administração da Casa Ramos Pinto sobre que destino dar ao trabalho em vol-

ta das ruínas arqueológicas, já então com uma década, propusemos e começamos de imediato a desenvolver um projeto para a transformação da velha casa da quinta num Museu de Sítio que mostrasse o espólio daquela granja agrícola no contexto da arqueologia da região, com um programa de interpretação desde a geologia, passando pela flora e fauna, e as diversas épocas históricas até à contemporaneidade, que desse apoio institucional á prossecução dos trabalhos de estudo dos materiais e outros saídos do labor científico desenvolvido ao longo destes anos (GUIMARÃES, 1997; *idem* 1998 a; *idem* 1998 b; *idem* 1999; *idem* 2000 b; *idem* 2000 c; *idem* 2003; *idem* 2010). Na área que então a quinta abrangia, embora tivesse aparecido alguma cerâmica pré-romana descontextualizada no entulhamento das ruínas, não tinham então sido descobertas quaisquer gravuras ou outros vestígios pré-históricos¹³, a não ser na vizinha Ribeira de Piscos, a norte e na Quinta da Barca, a sul, fora portanto da sua área à época, pois nos anos seguintes a quinta viria a alargar os seus limites.

Considerando que até aí a equipa, na sua maior parte constituída por alunos de Arqueologia da FLUP e pelos nossos alunos de Ciências Históricas – Ramo Património da UPT, além de um geólogo e outros, se tinha quase exclusivamente debruçado sobre as escavações e que importava alargar-lhe os horizontes interdisciplinares, na primavera de 1997 iniciamos as Semanas de Estudos Especializados (SEE); (GUIMARÃES; 2004 a), com equipas alargadas à participação de geólogos, biólogos e patrimoniólogos e, pontualmente, engenheiros topógrafos, uma paleopatologista para os restos humanos esqueletizados, um pintor, e alguns outros estudantes de outras áreas. Estas semanas produziram bibliografia sobre trabalhos específicos, quer sobre a quinta, quer sobre a região, dos quais salientamos, os sobre a olaria tradicional (PINTO, 1998, e *idem* 2000), ento-

mologia¹⁴, para além, naturalmente, dos estudos sobre os vestígios e materiais exumados na estação¹⁵.

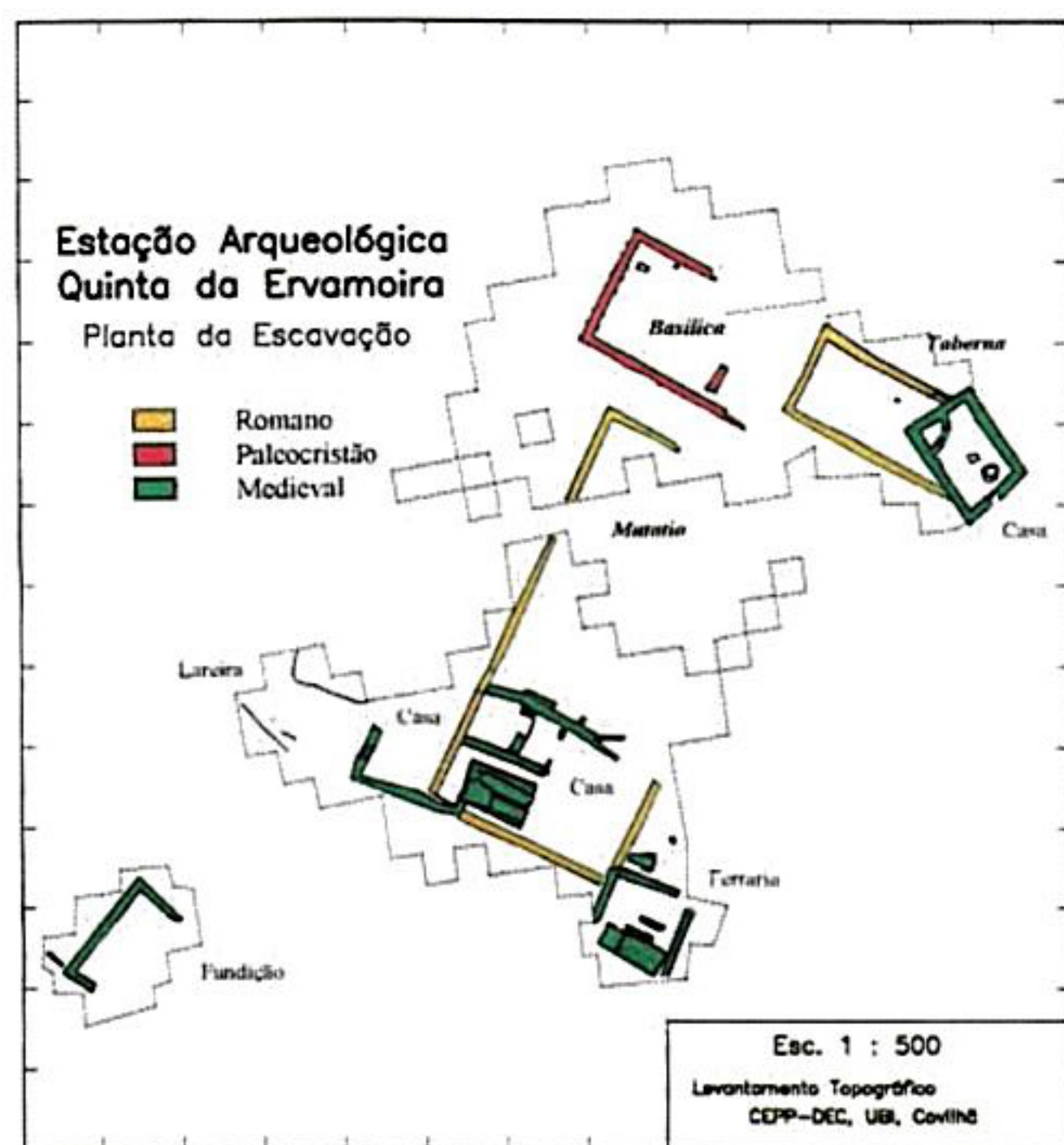


Fig. 5 – Implantação das ruínas de Ervamoira

Enquanto concebíamos o programa da criação do Museu de Sítio de Ervamoira (MSE), em harmonioso diálogo com o Arq.to Arnaldo Pimentel Barbosa, autor do projeto de adaptação da velha casa, a sua primeira versão foi apresentada pela administração ao então primeiro-ministro, Eng.º António Guterres, em visita à quinta a 12 de outubro de 1996, e depois aos chefes de estado, Dr. Jorge Sampaio, presidente da República Portuguesa e D. Juan Carlos I, rei de Espanha, e também ao presidente da UNESCO, Federico Mayor, que os acompanhou na visita ao Côa a 7 de julho de 1997. Tivemos depois apenas um ano, em *part-time*, fora do nosso trabalho como diretor do Solar Condes de Resende e para além do tempo dedicado à docência universitária em horário pós-laboral, para concebermos e concretizarmos o discurso expositivo do Museu, o qual foi montado em tempo recorde, com a colaboração de alguns elementos da equipa de Ervamoira e de alguns

funcionários do Solar Condes de Resende a título pessoal, que trabalhando dia e noite aos fins de semana, ao lado do pessoal da construção civil, o tiveram pronto para a inauguração a 1 de novembro de 1997 pelo ministro da Cultura, Professor Doutor Manuel Maria Carrilho. Tínhamos já então também sugerido a musealização das ruínas arqueológicas, então em fase final de intervenção na área descoberta, criando um circuito de visita à quinta, por via fluvial ou terrestre, complementado com a visita ao Museu de Sítio e articulado com as visitas aos núcleos de gravuras organizadas pelo PAVC (GUIMARÃES, 2003), o que não viria a acontecer, até porque, entretanto, a Casa Ramos Pinto tinha sido adquirida por uma empresa vinícola francesa, a Casa Roederer, que embora continuasse a apoiar o projeto do Museu de Sítio, não tinha exatamente o mesmo background cultural da empresa portuguesa que entretanto adquirira. Em França, por exemplo, sendo uma empresa centenária, nem sequer tem arquivo histórico, por contraste com a empresa portuguesa que adquiriu, mesmo assim uma das poucas que têm o arquivo em fase de organização, denominado Arquivo Histórico Adriano Ramos Pinto (AHARP).

Para nós a estação arqueológica da Quinta da Ervamoira, e os trabalhos a que ia dando origem, só faziam sentido se articulados com o conhecimento da região e a sua complementaridade em franca colaboração com todos os seus agentes culturais e, em primeiro lugar, com os arqueólogos que intervinham na região por motivos óbvios. Os trabalhos interdisciplinares que ali promovemos foram sempre disponibilizados a todos os que os procuraram. Creio que, também por todos estes motivos, foi classificada como monumento nacional, com os restantes sítios arqueológicos já então conhecidos no Vale do Côa, através de despacho do ministro da Cultura de 13 de agosto de 1996.



Fig. 6 – Apresentação do projeto do Museu de Sítio de Ervamoira ao presidente da República Portuguesa e ao rei de Espanha no Vale do Côa a 6 de junho de 1997; fotografia do AHARP.

3. Após a criação do PAVC

A institucionalização do PAVC, com todas as contradições que possa ter tido, foi um momento alto da arqueologia portuguesa. Mas que não precisava de ter cometido as injustiças que cometeu contra alguns daqueles que contribuíram para o desenrolar do processo, enquanto que alguns outros com responsabilidades na área da cultura, que até alinharam com os seus detratores, passaram incólumes a uma situação de esquecimento confortável. Ao longo destes anos é indubitável que a instituição produziu muito bom trabalho no que diz respeito à Arte Rupestre do Côa, da Pré-história nacional, peninsular e mundial, nos aspetos da prospeção, interpretação e musealização, que já serviram de paradigma para outras manifestações noutras latitudes, materializado no Museu do Côa (RODRIGUES; LIMA & SANTOS 2011, artigos de vários autores). Mas a restante arqueologia, da proto-história à industrial, foi deixada a outras entidades, como foi o caso de Ervamoira, até porque se trata da propriedade de uma entidade privada, não tendo os nossos trabalhos recebido qualquer apoio do programa PROCÔA,

entretanto implementado, nem sequer para publicar os textos entretanto produzidos, que têm vindo a ser disponibilizados em várias revistas nacionais e estrangeiras, mas dispersos.

Antes e após a inauguração do MSE, e enquanto as escavações e as SEE prosseguiram para lhe aumentar os conteúdos, tivemos o grato prazer de acompanhar a visita ao local de diversas personalidades do mundo académico que deixaram expresso no Livro de Honra da quinta palavras de apreço e incentivo. Logo a 22 de abril de 1955 tivemos a visita de estudo pelos professores e alunos de Geologia da FCUP conjunta com os de Património da UPT, que visitaram, entre castelos, pedreiras e o Museu do Ferro de Moncorvo, as ruínas de Ervamoira e as gravuras da Ribeira dos Piscos guiados por Nelson Rebanda, a que se seguiu o último grande almoço na casa velha da quinta antes da sua remodelação. Já depois da abertura do museu ao público aí recebemos o Professor Henry Cleere do ICOMOS, trazido pela Universidade Portuguesa a 20 de novembro de 1998, de que recordamos o seu entusiasmo com as gravuras que viu então pela primeira vez *in situ*, mas também pelo conteúdo e funcionamento do Museu de Ervamoira e pelos vinhos que a quinta produz, aos quais teceu encomiásticos louvores. Também aí decorreu o almoço e uma das sessões do Encontro Anual de Paleopatologia Ibérica, com alguns dos maiores especialistas ibéricos na matéria trazidos pela Professora Doutora Maria Cristina de Mendonça a ver a mandíbula humana a 29 de maio de 2000, hoje ali exposta depois de estudada (MENDONÇA, AFONSO & GUIMARÃES, 1999; GUIMARÃES, 2000 b), e no dia seguinte o Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, que apresenta nas suas coleções alguns esqueletos (COIXÃO, 1999 b).

A 16 de novembro de 2001 foi a vez dos Professores Gaspar Martins Pereira, da FLUP, e François Guichard e Philippe Roudié de Bordéus, tendo-me este último pedido autorização para

copiar a ideia deste Museu de Sítio para instalar um semelhante numa quinta daquela região vinícola francesa. E a estas prestigiosas visitas outras se seguiram, também de escritores, políticos, artistas, jornalistas e público anónimo, pois o museu encontra-se sempre disponível para acolher visitas de grupos, com marcação prévia devido à necessidade de assegurar o transporte e as refeições, se for o caso.



Fig. 7 – Inauguração do Museu de Sítio de Ervamoira pelo ministro da Cultura Professor Doutor Manuel Maria Carriho a 1 de novembro de 1997; fotografia do AHARP.

Por sua vez a ACDR de Freixo de Numão, também numa postura de boa colaboração com o PAVC desde a sua criação, continuou a desenvolver os seus trabalhos, vindo a equipa de Sá Coixão em 2003 a descobrir a notável vila romana de Vale do Mouro, Coriscada, Meda, desde aí intervencionada com proveito para a arqueologia nacional, estando já em parte musealizada, numa política de valorização de vários núcleos espalhados pela região, como complemento, ainda que não institucional, do Museu do Côa e do PAVC, pois são geridos e rentabilizados por outras entidades (COIXÃO & NALDINHO 2011: 479-506).

No que diz respeito a grandes encontros profissionais sobre a região, o 1.º Congresso Internacional sobre o Rio Douro, com a presença

de estudos sobre arqueologia, foi realizado em 1986 pelo Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, que em 1996 realizou o segundo, em colaboração com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Aí virá também a decorrer o 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, em setembro de 1999, organizado pela Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular (ADECAP). A própria ACDR, em colaboração com diversas entidades da região, realizou já desde 2004 cinco Congressos de Arqueologia, com diferentes amplitudes e incidências. Todos estes aspetos, e muitos outros, a que devemos juntar as realizações do PARM, transformaram Vila Nova de Foz Côa num local obrigatório da arqueologia nacional, ao lado de Braga, Coimbra, Lisboa, Mértola e Silves, pelo menos. A Arqueologia, aliada à Vitivinicultura, à Olivicultura, à Gastronomia e ao Turismo, contribuiu assim para o progresso e o desenvolvimento da região, o que infelizmente ainda não aconteceu com outros setores, que só lentamente irão despertando, como é o caso da agricultura de outras produções que já foram tradicionais, como a amêndoa, os figos, o sumagre ou os melões, que hoje quase aqui não existem ou são residuais em termos de produção.

Mas há quem não goste de Arqueologia ou não entenda a sua função cultural e social. Isso ficou bem patente na discussão sobre o interesse mundial das gravuras do Côa que se desenvolveu ao longo de 1994 e 1995; isso tem vindo a ficar evidente em algumas declarações de alguns políticos, jornalistas e outros opinion makers, mal informados, mal instruídos ou ao serviço de outros interesses. Este já longo arrazoado, apesar do que foi dito, breve e lacunar, mais não se destina senão a ser uma possível moldura para enquadramento dos trabalhos de Ervamoira, e dos outros sítios arqueológicos por nós estudados ou escavados na região¹⁶.

4. A estação arqueológica de Ervamoira

Após as campanhas realizadas entre 1984 e 2004, e as Semanas de Estudos Especializados entre 1996 e 2004, pelas quais passaram 174 pessoas diferentes, entre as quais o diretor da escavação durante vinte anos e alguns outros membros da equipa pelo menos dez, ora seguidos, ora interpolados, e que, em alguns casos, terão decidido o seu futuro profissional ainda enquanto estudantes, importa agora aqui escrever, em resumo, o que ficou desse labor.

Para além da experiência pessoal de muitos, antes e depois da descoberta das gravuras, ficaram, antes de mais, a bibliografia publicada e o Museu de Sítio, onde se exhibe o principal espólio da estação num discurso claro para seu entendimento e a sua relação com a região e outros locais mais distantes, cuja exposição, após o primeiro programa de 1997, foi por nós refeita e ampliada em 2004. No terreno ficaram as ruínas romanas e medievais, que propusemos consolidar e musealizar, mas que, até hoje, tal não foi possível (GUIMARÃES, 2003).



Fig. 8 – A estação arqueológica ainda em fase de intervenção, 1996; fotografia de Paulo Magalhães.

A primeira área a ser intervencionada foi o local no alto da colina da estação onde apareceu o sarcófago de pedra, partido e deslocado, mas que, curiosamente, tinha sido colocado sobre uma sepultura aberta e talhada no xisto, com rebaixamento lateral em toda a bordadura e

que em tempos esteve coberta por placas de xisto, que o peso do sarcófago partiu, a qual não tinha qualquer espólio. Seria uma zona de necrópole para os poucos habitantes do local (GUIMARÃES & PEIXOTO, 1988; GUIMARÃES, 2000 b).

Note-se que, à época do início da intervenção, era esta a única escavação no Vale do Baixo Côa e não havia então paralelos diretos para a região, o que felizmente hoje já não acontece (PERESTRELO, 2003; COSME, 2013).

Pelo facto de esta estação apresentar, logo no início dos trabalhos, abundantes fragmentos de *sigillata*, vidros e elementos arquitetónicos clássicos talhados em aplito, chegamos a pensar tratar-se de uma *villa*, mas com o desenrolar da escavação verificamos que o conjunto edificado romano, composto essencialmente por três edifícios justapostos, ocupava apenas uma área de cerca de 2000 m², o primeiro medindo 18,8x7 metros, orientado no sentido NO/SE, e que designamos como taberna por apresentar no interior, e sob a queda da cobertura de *tegulae*, muitos fragmentos de louça de copa e de cozinha; o segundo, um grande edifício com alguma evidência de ter tido algumas divisões internas, com 31x15,3 metros, orientado no sentido SO/NE, infelizmente muito destruído em algumas partes pela lavra do sítio durante anos ou décadas, tinha no interior algum material cerâmico de armazenagem. Finalmente um terceiro edifício, alinhado com o primeiro, mas ligeiramente mais largo, com 15,2x9,7 metros, orientado no sentido NO/SE e que interpretamos como sendo uma basílica paleocristã pelos seguintes motivos: no interior não tinha louça de cozinha, copa ou armazenamento, mas apenas *tegulae*; uma delas tinha um *christmon* cruzado gravado na pasta; havia no interior um pequeno muro de um dos lados, junto à cabeceira, perpendicular à parede exterior, que interpretamos como a base do *iconostasis*; a outra parte, que seria obviamente simétrica, es-

tava destruída pelo arado; apareceu aqui uma moeda de Teodósio, o que nos remete para o final do século IV ou mesmo já século V.



Fig. 9 – Tegula com *chrismon* aquando do seu aparecimento; fotografia de J. A. G. G..

Apareceu também aqui uma mandíbula humana, o que nos levou a associar a estas ruínas o sarcófago de granito deslocado que está na origem da descoberta desta estação, o qual conteria os restos mortais de que a peça óssea faria parte e seria talvez coberto pela tegulae com o *chrismon* gravado, e outras decoradas com meandros e círculos que aqui apareceram, pois no telhado não fariam muito sentido, já que não poderiam ser vistos aquele símbolo e a decoração. Por outro lado, o saímel de dupla curvatura e as aduelas de granito de arcos ultrapassados que fomos encontrando um pouco por toda a área, desde a casa do forno, onde algumas ainda estão embutidas na frontaria do dito, até aos muros de Ervamoira B, não seriam daqui, da monumentalização deste suposto *iconostasis*? Mas, nesse caso, o edifício teria de ser mais tardio, já do século V ou VI, sendo estes arcos ultrapassados bem precoces na região e no tempo (GUIMARÃES, 2000 b). Também pensamos a sua reconstituição no museu, mas para tal também ainda não houve oportunidade.

Não temos certezas para a datação romana do telheiro de fundição encontrado a SO das estruturas anteriores, embora o mesmo apresentasse vestígios de um formo arcaico de

fundição (GUIMARÃES & BAPTISTA, 2004). Uma das peças fundidas que apareceram num outro local da estação, sem sinal de desgaste de uso, foi um espigão de cinturão visigótico em forma de «violino», além de outras peças, o que prova que aqui se fundiu bronze. Este tipo de fuzilhões aparecem em outras estações do período visigótico, como é o caso da necrópole de El Pelicano na meseta (VIGIL-ESCALERA, 2011:53)

Por sua vez, no telheiro da ferraria a nascente deste outro, adossado ao grande edifício romano, mas com cerâmica medieval, foi encontrado um cubo de pedra com buraco cónico para encaixe do cepo da bigorna e nas suas faces laterais rebaixos para o encaixe de rodas de carroças. Pode ser uma peça romana reaproveitada ou uma ferramenta que foi copiada durante séculos. Daí o também acharmos que aqui funcionou uma *mutatio*, talvez ao longo de todas as épocas de ocupação, onde sempre foi preciso fundir metais e rebitar arcos de rodas de carroça. A metalurgia de Ervamoira já foi objeto de publicação em dois estudos (GUIMARÃES; BAPTISTA, 2004; *idem; idem*, 2006).



Fig. 10 – Alguns dos elementos de arcos ultrapassados encontrados em Ervamoira; fotografia de J. A. G. G..

Um segundo, ou terceiro, momento de ocupação do lugar, que ignorou pelo menos em parte algumas estruturas do primeiro, o que mostra algum distanciamento no tempo, está documentado pela existência de dois outros edifícios, um muito completo, com planta quadrangular com quase 10 metros de comprimento, construído sobre o edifício romano que designamos como *taberna*, mas que, pelo desalinhamento das paredes de ambos, ignorou completamente a sua pré-existência. Com a porta voltada a SSE, tem no interior no canto oposto um murete em quarto de círculo que pode ter tido várias funções. Em frente da sua porta foi encontrada uma estrutura de moagem constituída por um murete em ângulo reto que protegia do vento uma mó manúria de que estava presente a parte dormente, a qual teria a ver com a primeira e não a segunda construção. Em diversos locais da estação apareceram mós ou fragmentos, uns certamente para moerem grãos de cereal, mas outras, devido à textura grosseira do granito em que foram talhadas, seriam antes para moer minerais para fundição.

Ao contrário dos edifícios romanos, que tinham cobertura de *tegulae*, estes outros teriam cobertura de colmo. Sobre o canto SO do grande edifício romano, foram também encontrados os restos de uma construção semelhante, que parece ter aqui aproveitado parte do alicerce e das paredes do edifício anterior. Relacionados com uma grande lareira próxima, tal como o anterior, será um edifício do século XIII, do período em que o Côa era fronteira.

A NE de todos estes edifícios e a uma cota mais baixa, escavamos um outro edifício de dois compartimentos, bem construído com grandes silhares de xisto e que em tempos foi coberto por grandes placas do mesmo material que entretanto tinham derruído, voltado ao Côa e de onde se controlava o seu curso, quer para jusante, quer para montante. Face ao pouco espólio recolhido, que pode ser posterior à

sua construção, pois pode ter sido utilizado durante muito tempo por pastores ou os moleiros que tinham os moinhos do outro lado do rio (GUIMARÃES, 2000 *a*), não conseguimos datá-lo com precisão. Pensamos tratar-se de uma construção já da Época Moderna.

Outra área entretanto intervencionada, que designamos por Ervamoira B, foi o local de implantação da antiga capela, uma vasta plataforma talhada no xisto, perto da nascente de água e inserida numa área de socacos antigos, com alguns silhares de granito reaproveitados, nomeadamente aduelas dos arcos de que já falámos, proporcionava o cultivo de horta e pomar. O patamar da capela, orientado no sentido norte/sul, voltado a nascente, apresenta-nos na extremidade norte dois muros justapostos que terão feito parte de um telheiro aberto para recolha de animais. Na sua periferia nascente existiu um denso núcleo de negrilhos anões, mas com vestígios de outros de maior porte, talvez o que restava a justificar a denominação setecentista de Nossa Senhora dos Carvalhais. Na extremidade sul da plataforma, restava parte de uma parede da capela e restos das restantes, muito derruídas.

Quanto à cronologia da ocupação da quinta, cremos que ela pode ser dada, em boa parte conjugada com outros elementos, pelos numismas encontrados. Se é certo que aqui apareceu cerâmica pré-histórica descontextualizada, um machado neolítico, e um ou outro vestígio que nos apontam para tempos pré-romanos, o facto de aqui aparecer um bronze de Cláudio, ele é consentâneo com outros achados na região, e com outros vestígios, nomeadamente cerâmica, desta própria estação. Estaríamos pois num seu primeiro momento de ocupação, no século I d. C.. Seguem-se duas moedas do século III e cinco do século IV, devendo estas corresponder ao período áureo de ocupação do sítio, que se terá prolongado para os séculos V e VI, a avaliar por outros vestígios de que já falámos. Uma

peça cerâmica decorada do século IX ou X de inspiração magrebina, corresponderá a uma ocupação esporádica do sítio, pois que não deixou muitos mais vestígios, os quais voltam a acentuar-se, como dissemos em termos de estruturas, mas também em cerâmica e metalurgia, no século XIII, avalizados por um dinheiro de D. Afonso III.



Fig. 11 – Escavações em Ervamoira B, 2002; fotografia de J. A. G. G..

Depois deste último o testemunho numismático desaparece e só volta no final do século XIX, quer em Ervamoira B, quer na área de implantação da Casa da Quinta, prosseguindo já pelo século XX com alguns exemplares (GUIMARÃES & GUIMARÃES, 2005).

O espólio mais estudado e divulgado desta estação, se bem que longe de o estar na totalidade, é o cerâmico, o qual engloba materiais de construção, *tegulae* e tijolos, cerâmica de fundição (tubeira), cerâmica de cozinha e copa e cerâmica de armazenagem. No primeiro caso, logo nos primeiros anos, tentamos um estudo comparativo entre as *tegulae* desta estação e outras que entretanto íamos visitando na margem sul do rio douro (GUIMARÃES, 1993). De um modo geral, a cerâmica desta estação exposta no museu encontra-se já estudada e publicada, quer no que diz respeito à cerâmica de cozinha e copa romanas, quer aos grandes vasos de armazenagem medievais e também alguma cerâmica de cozinha e copa medievais

(GUIMARÃES, 1999; *idem*, 2000 c).

Falta-nos, contudo, comparar as cerâmicas e outras evidências arqueológicas desta estação com as de algumas outras recentemente escavadas na meseta hispânica onde aparecem, para a mesma época, peças muito idênticas, para percebermos melhor a circulação de pessoas e bens na Hispânia visigótica dos séculos V e VI que aqui chegaram e permaneceram (CATALÁN; FUENTES & SASTRE, 2014).

Publicamos entretanto o estudo das cerâmicas vidradas de Ervamoira B, porque elas vieram avivar a questão do vidrado, uma velha discussão relacionada com a cerâmica tradicional da região. Eram todas importadas da região litoral, de Barcelos, e posteriores à chegada do comboio ao Pocinho (GUIMARÃES, 2010).

Neste universo ceramológico estão por estudar as cerâmicas pré-romanas, as *h¹⁷*, e alguma outra cerâmica da Alta Idade Média, de Ervamoira A (estação arqueológica romana e medieval), bem assim como a cerâmica tradicional da região e as faianças de Ervamoira B (área da capela).



Fig. 12 – Tratamento informático do espólio de Ervamoira, 2002; fotografia de J. A. G. G..

5. Conclusão

Antes de terminar, permitam-me aqui uma saudosa evocação: no já distante dia 31 de julho de 1996, estando em Ervamoira, recebi um telefonema de Nelson Rebanda a informar-me

do falecimento de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, em férias lá longe. O silêncio, a inutilidade das palavras, gelaram o fio do telefone e ficamos ambos suspensos daquela infausta notícia. Tinha acabado dois anos antes o mestrado que aquele professor orientara e já tínhamos conversado sobre a minha proposta de tese de doutoramento sobre a Antiguidade Tardia no Vale do Douro, que eu muito desejava que igualmente viesse a orientar, e a que ele anuiu com aquela dose necessária de entusiasmo que punha em todos os projetos que abraçava. Com aquela notícia esse projeto morreu ali, não porque deixasse de por ele me interessar, não porque não houvesse outros orientadores capazes, mas porque há no mundo do saber complicações difíceis de substituir e esta era uma delas. Mudei de rumo no que diz respeito à época e tema, mas o Douro e o seu Vale permanecerão para sempre no centro da minha investigação. A procura do entendimento sobre a Alta Idade Média na região tenho-a continuado para meu contentamento, mas também em memória daquele Professor que permanece querido na lembrança dos seus discípulos, entre os quais eu me assumo¹⁸.

A estação arqueológica da Quinta da Ervamoira, que me prometera que haveria de visitar quando voltasse, foi uma das primeiras granjas agrícolas a ser completamente estudada na região e a única até à data que tem um museu monográfico. Depois do final dos trabalhos aí desenvolvidos até 2004, continuou não só o interesse pela romanização do Vale do Côa e regiões adjacentes, como mesmo pelo estudo de outras granjas na região, procurando os diversos autores investigar se elas caberiam numa grelha de povoamento importado, tendo presente a standardização da matriz romana, ou se, pelo contrário, as especialidades da região – mineração, agricultura, criação de gado – poderiam ter-lhe dado um fácies regional próprio, assunto que permanece na ordem do dia até que a in-

vestigação sobre a presença romana aqui avance para a produção de uma grande síntese, para a qual Ervamoira terá dado o seu contributo.

Notas

¹ Sobre a sua localização e limites ver TRABULO, 2000 e *idem*, 2008, pagela que teve a gentileza de me enviar a 28-04-2008; sobre a evolução administrativa da região ver COIXÃO & TRABULO, 1995.

² Ver os textos dos anos 30 do século passado publicados em MARQUES, 1995; sobre a atividade olárica ver PINTO, 1998, e *idem* 2000; LIMA & RODRIGUES, 2013 a:133-143. Sobre a atividade moageira ver TRABULO, 1992: 203-206; GUIMARÃES, 2000 a e TRABULO, 2000: 79 e seg.⁵; LIMA & RODRIGUES, 2013 b; sobre a rentabilização dos recursos da região, nomeadamente os culturais, ainda que parcelar e sob discussão, ver ROSAS, 2006; sobre as condições climáticas e de património natural ver, entre outros, alguns textos publicados em LIMA, 1998, e TOMÉ & CATRY, 2008.

³ ANTT, Tombo da Comenda de St.^a Maria de Longroiva, Meda e Muxagata, de 1773; ANTT, Memórias Paroquiais, 1758; *História Eclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego*, de D. Joaquim de Azevedo, 1877: excertos transcritos em TRABULO, 2000: 51/52; 53/54 e 55; e GUIMARÃES, 2003: 73.

⁴ Sobre as potencialidades vinícolas da região ver, entre outros, ALMEIDA, 1990: 17-30 e CARVALHO, 2005.

⁵ Deixo aqui as minhas homenagens, e certamente as de toda a equipa, aos administradores da Casa Ramos Pinto, Senhores José Ramos-Pinto Rosas, Ricardo Nicolau de Almeida e Doutor João Nicolau de Almeida pelo convite à elaboração e desenvolvimento deste projeto, e também a esse homem probo e infatigável, o Senhor José do Nascimento Sobral, feitor de Ervamoira, que por entre os infinitos afazeres da quinta, sempre acompanhou os trabalhos arqueológicos e outros, proporcionando-nos as melhores condições de alojamento, alimentação, transportes e conhecimento da região.

⁶ Cf. RODRIGUES, 1976: 6; *idem*, 1983: 21 e seg.⁵ e *idem* 2002; para os trabalhos deste autor ver bio-bibliografia essencial elaborada pelo Arquiteto Doutor João Campos in RODRIGUES, 2010:177 e seg.⁵; sobre este e alguns outros arqueólogos citados neste trabalho, ver OLIVEIRA 1984, e *idem* 1985.

⁷ De que é diretor o Prof. Doutor Talhadas dos Santos, que dirigiu várias destas semanas entusiasmando os seus alunos no estudo da fauna, da flora e da ecologia do Vale do Côa.

⁸ Em outubro de 1987 apresentamos no IV Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses, que decorreu em Santarém, uma comunicação sobre castelologia medieval da Terra de Numão (GUIMARÃES, 1987), mas as atas não foram publicadas, pelo que tencionamos publicar esse trabalho, devidamente atualizado, noutra publicação. Entretanto, ver

BARROCA, 1991: 88- 136.

⁹ Foram convidados a ir ao Côa reavaliar o interesse das gravuras, por proposta de Nelson Rebanda, ainda em novembro de 1994, entre outros, os arqueólogos Mário Varela Gomes, António Martinho Baptista e a geóloga Mila Abreu, ficando os dois primeiros encarregados de a partir daí passarem a orientar os levantamentos artísticos das gravuras; cf. BAPTISTA, 1999: 9 e 43, nota 4.

¹⁰ Ver vários depoimentos, de profissionais de diversas áreas, em JORGE, 1995 (*Dossier Côa*, editado pela SPAE), todos eles aqui a favor da suspensão da barragem. A favor da sua construção foram também publicados diversos textos, quer pela EDP, quer por outras entidades, nomeadamente a Universidade do Porto, que no seu Boletim n.º 25, ano V, 1995, publica um artigo de um professor de Engenharia a favor da construção da barragem.

¹¹ O PAVC tentou, pelo menos em alguns momentos, reunir toda a informação arqueológica e histórica sobre o Vale do Côa: veja-se, por exemplo, LIMA, 1998; mas quer o programa do Museu do Côa quer as ações concretas no terreno, estiveram sempre maioritariamente voltadas para o Paleolítico e a Pré-História, o mesmo acontecendo noutras intervenções realizadas na região fora do programa do PAVC, em que a lição pré-histórica foi hipervalorizada em desfavor da evidente arqueologia de outras épocas. Tal limitação tem passado para as universidades e institutos estatais, nomeadamente a UTAD e o Instituto Politécnico de Tomar, conforme se pode ver em RODRIGUES & SANTOS, 2011. Entretanto a ACÔA – Associação de Amigos do Parque e Museu do Côa, criada em 2010, tem em ação o projeto Arquivo da Memória do Côa, destinado a recolher a memória oral e documental dos habitantes da região.

¹² Conforme consta dos respetivos relatórios sobre a nossa intervenção em Ervamoira, para além do apoio logístico da Casa Ramos Pinto às escavações, estas tiveram também algum apoio financeiro para materiais, equipamentos e pagamento a arqueólogos de campo, por parte dos serviços, com sucessivos nomes, do Ministério da Cultura que tutelavam a atividade arqueológica.

¹³ Em 2000 foram feitas nas Olgas de Ervamoira, em patamares de acumulação de sedimentos do Côa, várias e profundas sondagens pelos arqueólogos do PAVC, que se revelaram interessantes para o estudo da geologia e geomorfologia ribeirinhas e datação destes depósitos fluviais, que noutros locais do vale têm apresentado vestígios da ocupação humana, mas que aqui foram poucos e frustes; cf. AUBRY; DIMMUCCIO; SAMPAIO & SANTOS, 2010:133-143.

¹⁴ CF. GROSSO-SILVA, 2003: 6-25, onde este entomólogo apresenta diversas espécies de insetos referenciados em Ervamoira e no Vale do Côa, tendo ainda outra bibliografia sobre espécies endémicas na região publicada no *Boletim da Sociedade Entomológica Aragonesa*, Saragoça.

¹⁴ Uma bibliografia sobre os trabalhos nesta estação, embo-

ra já incompleta, pode ser vista em ALMEIDA & GUIMARÃES, 2013: 355-358.

¹⁶ Sobre os nossos trabalhos noutras estações arqueológicas do Vale do Douro, veja-se GUIMARÃES, 2006; *idem* 2007; *idem* 2008; *idem* 2009; *idem* 2013; *idem*, 2014; GUIMARÃES, TEIXEIRA & OLIVEIRA, 2008; SILVA & GUIMARÃES, 2013.

¹⁷ As *sigillata* desta estação foram já desenhadas por Susana Guimarães e encontram-se presentemente a serem estudadas pela nossa colega Prof. Teresa Pires de Carvalho para posterior publicação.

¹⁸ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, professor catedrático da FLUP, faleceu na Venezuela, onde se encontrava de férias com a esposa e filho, após os ter salvado das ondas do mar, a 27 de julho de 1996. Jaz sepultado em jazigo próprio no cemitério paroquial de Santa Marinha, Vila Nova de Gaia.



Fig. 13 – Sala da Arqueologia do Museu de Sítio de Ervamoira; fotografia do AHARP.

Nota final: Na impossibilidade de ainda não ter sido publicada uma monografia de Ervamoira, elaboramos este texto apresentado no Museu de Lamego a 25 de Outubro de 2014 nas 2.ªs Conferências do Museu de Lamego/CITCEM: Quintas do Douro – História, Património e Desenvolvimento, e publicado *on-line* em BRAGA & SEBASTIAN, 2014: 81-102, o qual foi revisto para a presente edição. Agradeço ao Professor Doutor Gaspar Martins Pereira da FLUP/CITCEM o convite para a sua apresentação naquele fórum e à Dr.ª Susana Guimarães a tradução do resumo.

Bibliografia

- ALMEIDA, Graça Nicolau; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2013) – *Adriano Ramos Pinto Vinhos e Arte*. Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A..
- ALMEIDA, João Rosas Nicolau de (1990) – *Vitivinicultura duriense: contributo para uma actualização*. «Observatório» n.º 1. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal, p. 17-30.
- AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca Antonio; SAMPAIO, Jorge David; SANTOS, André (2010) – *Olgas de Ervamoira: seis metros de arquivo da Pré-história nas margens do Rio Côa*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 12. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 133-143.
- AZEVEDO, João, editor (1998) – *Entre Duas Margens. Douro Internacional*. Mirandela.
- BAPTISTA, António Martinho (1983) – *O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa* (Vila Nova de Foz Côa). «Arqueologia», n.º 8. Porto: GEAP, pp. 57-69.
- BAPTISTA, António Martinho (1999) – *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciários*. Vila Nova de Foz Côa: PAVC.
- BARROCA, Mário Jorge (1991) – *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico* (Séc. IX a XII). «Portvgália», nova série, vol. XI-XII, p. 88-136.
- BARROCA, Mário Jorge, coordenação (1999) – *Carlos Alberto Ferreira de Almeida In Memoriam*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade.
- BRAGA, Alexandra; SEBASTIAN, Luís, coordenação (2014) – *Atas das 2.ªs Conferências do Museu de Lamego/CITCEM: Quintas do Douro – História, Património e Desenvolvimento*. Disponível em www.museudelamego.pt. Consulta realizada em 31-08-2015.
- BRANDÃO, D. Domingos de (1960) – *Ara dedicada a Júpiter na igreja de Vila Nova de Foz Côa*. «Hvmanitas», Coimbra, n.º 11-12, pp. 66-70.
- CAMPOS, Nelson (2013) – *Projecto Arqueológico da Região de Moncorvo (1983-2013). Breve balanço de 30 anos de actividade*. In SEBASTIAN & BRAGA, 2013:247-258.
- CARVALHO, João Miguel, coordenação (2005) – *Douro, a Nova Geração; Douro Die Neue Generation; Douro, the New Generation*. Porto, Edições Caixotim.
- CATALÁN, Raúl; FUENTES, Patrícia; SASTRE, José Carlos, editores (2014) – *Fortificaciones en la Tardoantigüedad. Élités y articulación del territorio* (Siglos V – VIII d. C.). Madrid: Ediciones de La Ergástula.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá (1999 a) – *A ocupação humana na Pré-história Recente na Região de Entre Côa e Távora*. Freixo de Numão: ACDR.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá (1999 b) – *Rituais e cultos de morte na Região de Entre Douro e Côa*. Freixo de Numão: ACDR.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá (2000) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, 2.ª edição. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá (2013) – *1980-2013/ 33 Anos de Investigação Arqueológica nos concelhos de Vila Nova de Foz Côa e Meda*. In SEBASTIAN & BRAGA, 2013:183-192.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá; NALDINHO, Sandra (2011) – *Projecto de criação de Núcleos Museológicos e/ou Centros de Interpretação na área dos concelhos de Vila Nova de Foz Côa e Meda*. In RODRIGUES, LIMA & SANTOS, 2011:479-506.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá; TRABULO, António Alberto Rodrigues (1995) – *Evolução político-administrativa na área do actual concelho de Vila Nova de Foz Côa. Séculos XII a XX*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.
- COSME, Susana Rodrigues (2013) – *O contributo das pequenas 'villae' rústicas na economia e povoamento dos séculos IV – VII no Douro*. In SEBASTIAN & BRAGA, 2013:141-149.
- FERREIRA, Maria do Céu; PERESTRELO, Manuel Sabino; OSÓRIO, Marcos; MARQUES, António Augusto (2000) – *Actas do Colóquio Beira Interior História e Património*. Guarda.
- GOMES, Dórdio; LIMA, Alexandra Cerveira (2008) – *Vale do Côa, uma paisagem de liberdade. Entre a Pré-História e as vias medievais*. Vila Nova de Foz Côa: PAVC.
- GROSSO-SILVA, José Manuel (2003). *Introdução aos Insectos*. In MARAVALHAS, 2003:5-25.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves [1987] – *Apontamentos para uma castelologia da Terra de Numão*, a publicar.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1993) – *Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do Rio Douro: As Tegulae*. «Lvcerna», 2.ª série, vol. III. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, p. 217-235.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1997) – *Museu de Ervamoira. Guia do Visitante*. Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S. A..
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1998 a) – *Um Museu de Sítio para a Quinta de Ervamoira (Vale do Côa: Projecto e Programa)*. «Espaço e Memória – Revista do Património», n.º 1. Porto: Universidade Portuguesa Infante D. Henrique, p. 149-185.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1998 b) – *Das escavações arqueológicas ao Museu de Sítio de Ervamoira: um programa global de investigação multidisciplinar*. In LIMA, 1998:205-208; idem, LIMA & RODRIGUES, 2013 a: 207-211.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1999) – *Cerâmica arqueológica do Museu de Ervamoira*. In BARROCA, 1999:377-389.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2000 a) – *Os moinhos do Côa – Introdução ao seu estudo*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 2. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 15-20.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2000 b) – *Vestígios paleocristãos de Ervamoira, Vale do Côa*. In JORGE, 2000: 617-631.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2000 c) – *Cerâmica romana e medieval de Ervamoira*. In FERREIRA, PERESTRELO, OSÓRIO & MARQUES, 2000:171-184.

- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2003) – *Ervamoira: da granja romana à quinta medieval de Santa Maria, uma hipótese de musealização das ruínas*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 5. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 73-84.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2004) – *As Semanas de Estudos Especializados em Ervamoira: experiências e balanço*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 6. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 141-151.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2006) – *O sítio arqueológico da Quinta dos Bons Ares, Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 8. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 17-24.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves, coordenação e textos (2007) – *São Salvador do Mundo santuário duriense*. São João da Pesqueira: Município/Gaivro.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2008) – *O santuário de São Salvador do Mundo de São João da Pesqueira. Estudo e proposta de valorização patrimonial: I – Arqueologia*. In LIMA, SANTOS, BAPTISTA, COIXÃO & LUÍS, 2008:154-160.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2009) – *Para uma arqueologia da paisagem duriense - São Salvador do Mundo e Ribeira de Galegos em São João da Pesqueira: proposta de rentabilização para fins turísticos*. In NEVES & GONÇALVES, 2009:111-128.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2010) – *Olaria vidrada encontrada no Vale do Côa: primeiras achegas a partir das escavações arqueológicas de Ervamoira B*. «Olaria. Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos», n.º 4. Barcelos: Câmara Municipal, p. 164-172.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2013) – *O ermo de São Salvador do Mundo, santuário duriense*. «Douro. Vinho, História & Património. Wine, History and Heritage», n.º 2. Porto: APHVIN/ GEHVID, p. 155-182.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2014 a) – *Vale Meão. Antecedentes de uma quinta vinícola e olivícola no Douro Superior*. «Douro. Vinho, História & Património Wine, History and Heritage», n.º 3, p. 143-170.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2014 b) – *Da intervenção arqueológica ao Museu de Sítio: a experiência da Quinta da Ervamoira*. In BRAGA & SEBASTIAN, 2014: 81-102.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; BAPTISTA, Eva (2004) – *A actividade metalúrgica em Ervamoira: uma primeira abordagem*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 6. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 153-165.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; BAPTISTA, Eva (2006) – *Metalurgia de Ervamoira – Vale do Côa: estudo de peças*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 8. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 9-16.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; BAPTISTA, Eva; TEIXEIRA, Maria de Fátima (2006) – *Objectos arqueológicos e outros de Trás-os-Montes e Alto Douro na Coleção Marciano Azuaga (Solar Condes de Resende, Vila Nova de Gaia)*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 8. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 25-40.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; GUIMARÃES, Susana (2005) – *A Numária de Ervamoira e a do Baixo Côa*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 8. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 275-286.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; PEIXOTO, Maria da Graça (1988) – *A estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira – Muxagata, Vila Nova de Foz Côa* (Notícia Preliminar). Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S. A.; *idem; idem* (1994) – *idem*. «Gaya», vol. VI. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História e Arqueologia, p. 235-262.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; TEIXEIRA, Maria de Fátima; OLIVEIRA, Artur Jorge Fernando (2008) – *Intervenção arqueológica em São Salvador do Mundo, São João da Pesqueira*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 10. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 175-187.
- JORGE, Susana Oliveira; JORGE, Vítor O.; ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de; SANCHES, M. de Jesus e SOEIRO, M. Teresa (1981) – *Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta)*. «Arqueologia», n.º 3. Porto: GEAP, p. 3-12.
- JORGE, Vítor Oliveira, coordenação (1995) – *Dossier Côa*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- JORGE, Vítor Oliveira, coordenação geral (2000) – *Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. VI. Porto: ADECAP, p. 617-631.
- JORGE, Vítor Oliveira (2013) – *Breve evocação de 23 anos (1989-2012) de investigações arqueológicas no concelho de Vila Nova de Foz Côa, numa perspectiva pessoal e subjectiva*. «Côavisão. Economia, Ciência e Cultura», n.º 15. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 143-158.
- JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa; COIXÃO, António Sá (2003) – *Castanheira do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in Foz Côa region, Portugal – recente research (1998-2002)*. «Journal of Iberian Archaeology», vol. 5, Porto: ADECAP, p. 137-161.
- JORGE, Vítor Oliveira; JORGE, Susana O.; SANCHES, Maria de Jesus, e RIBEIRO, João Pedro (1982) – *Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta). Nó-tula arqueológica*. «Portugália». Porto, nova série, vol. II-III, p. 143-145.
- LIMA, Alexandra Cerveira; RODRIGUES, Miguel Areosa, coord. (2013 a) – *Terras do Côa. Da Malcata ao Reboredo, 2ª edição aumentada*. S/I: DRCN.
- LIMA, Alexandra Cerveira; RODRIGUES, Miguel, coord. (2013 b) – *Arquiteturas da Água. Entre o Côa, o Águeda e o Douro Internacional*. S/I: DRCN.
- LIMA, Alexandra Cerveira; SANTOS, André Tomás; BAPTISTA, António Martinho; COIXÃO, António Sá; LUÍS, Luís, coordenação (2008) – *Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*. Vila Nova de Foz Côa.
- LIMA, Alexandra Cerveira Pinto S., coord. (1998) – *Terras do Côa da Malcata ao Reboredo. Os Valores do Côa*. Guarda: Estrela Côa - Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda.
- LIMA, Alexandra Pinto; CORREIA, Virgílio Hipólito; SILVA, António Manuel S. P. (1995) – *Parque Arqueológico do Côa. Ideias e propostas para um projecto*. Porto: ProAPA – Associação Profissional de Arqueólogos, 1995; *idem* em JORGE, 1995: 225-258.
- LIVRO DE HONRA da Quinta da Ervamoira, manuscrito, desde 1983.

- MARAVALHAS, Ernestino, editor (2003) - *As borboletas em Portugal*. s/l: Vento Norte.
- MARQUES, Carlos Alberto (1995) - *A Bacia hidrográfica do Côa seguida de algumas notas etnográficas de Riba Côa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MATHIAS, Michael (1995) - *Elementos para o estudo de povoamento medieval do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, Distrito da Guarda*. 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, Actas VII, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XXXV, fasc. 3. Porto: SPAE, p. 495-501.
- MATHIAS, Michael (2000) - *O Projecto: o Castelo de Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda - Investigação Arqueológica e Estudo de Conservação/Restauração*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 2. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 35-46.
- MENDONÇA, Maria Cristina de; AFONSO, Américo; GUIMARÃES, Joaquim Gonçalves (1999) - *Diagnóstico de espécie em restos esqueléticos. A propósito de um diente*. V Congresso Nacional de Paleopatologia: Resúmenes. Alcalá La Real: Sociedad Española de Paleopatologia, p. 34.
- NEVES, Pedro Almiro; GONÇALVES, Eduardo Cordeiro, coord. (2009) - *Enoturismo e Turismo em espaço rural*, vol. I. Castelo da Maia: APHVIN/GEHVID/ISMAI.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1984) - *Bibliografia Arqueológica Portuguesa (1935-1969)*. Lisboa, IPPC.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1985) - *Bibliografia Arqueológica Portuguesa (1970-1979)*. Lisboa, IPPC.
- PERESTRELO, Manuel Sabino G. (2003) - *A Romanização na Bacia do Côa*. Lisboa: Ministério da Cultura/IPA/PAVC.
- PINTO, Carla Cristina Teixeira (1998) - *O centro oleiro de Santa Comba de Vila Nova de Foz Côa*. «Olaria», n.º 2. Barcelos: Câmara Municipal, p. 81-86.
- PINTO, Carla Cristina Teixeira (2000) - *Louça de Barro de Santa Comba no Museu de Sítio de Ervamoira*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 2, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 11-14.
- REBANDA, Nelson (1995) - *Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os Trabalhos Arqueológicos e o Complexo de Arte Rupestre*. «Boletim da Universidade do Porto», n.º 25, ano V. Porto: Fundação Gomes Teixeira, p. 11-16.
- REBANDA, Nelson (1998) - *Do "Carneiro" ao Cavalo de Mazouco - Percurso de um olhar*. In AZEVEDO, 1998:143-147.
- RIBEIRO, M. L. (2001) - *Notícia Explicativa. Carta Geológica Simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RODRIGUES, Adriano Vasco (1976) - *Retrospectiva histórica de Marialva, Longroiva e Concelho da Meda*. Marialva: separata de *A Voz de Lamego*.
- RODRIGUES, Adriano Vasco (1983) - *Terras da Meda. Natureza e Cultura (Monografia)*. Meda: Câmara Municipal; 2.ª edição, idem, idem, 2012.
- RODRIGUES, Adriano Vasco (2003) - *Contributo para o estudo do Paleolítico Inferior na região de Riba Côa*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 5, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 159-167.
- RODRIGUES, Adriano Vasco (2005) - *A estátua-menhir de Longroiva e a sua importância para a cronologia da Idade do Bronze na região do Côa e territórios confinantes*. «Côavisão. Cultura e Ciência», n.º 7, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 179-184.
- RODRIGUES, Adriano Vasco (2012) - Almeida. Da Pré-história aos nossos dias. From Prehistory to our days. Memórias. Memories. Almeida: Câmara Municipal.
- RODRIGUES, Marian Helen da Silva Gomes; SANTOS, Marcos César Pereira (2011) - *Parque Arqueológico Vale do Côa - Portugal: Complexo Rupestre e modelo de Gestão do Património Cultural*. «Revista Iniciação Científica». Vol. 9, n.º 1, Criciúma, Santa Catarina.
- RODRIGUES, Miguel Areosa; LIMA, Alexandra Cerveira; SANTOS, André Tomás, coordenação (2011) - *Actas do V Congresso de Arqueologia - Interior Norte e Centro de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- ROSAS, Eduardo, coordenação geral (2006) - *Interreg. III A. Douro/ Duero séc. XXI. Aproveitamento e valorização de Recursos*. Vila Real: UTAD.
- SEBASTIAN, Luís; BRAGA, Alexandra, coordenação (2013) - *Atas das 1.ªs Conferências do Museu de Lamego/ CITCEM. História e Património no/ do Douro: Investigação e Desenvolvimento*. Lamego: Museu de Lamego/ CITCEM. Disponível em www.museudelamego.pt. Consulta realizada em 31-08-2015.
- SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2013) - *Castelo de Crestuma. A Arqueologia em busca da História*. Vila Nova de Gaia: Município/Águas e Parque Biológico de Gaia/ ASCR-CQ.
- TOMÉ, Ricardo; CATRY, Paulo, coordenação (2008) - *Atlas da Fauna do Vale do Côa*. Pinhel: Câmara Municipal.
- TRABULO, Joaquim (1992) - *Chãs de Foz Côa. A sua história e a sua gente (Monografia)*. Vila Nova de Gaia, edição do A.
- TRABULO, Joaquim (2000) - *Por veredas do Vale do Côa. Roteiros das Chãs*. Vila Nova de Gaia: edição do A.
- TRABULO, Joaquim (2008) - *Esclarecimento sobre os limites da freguesia de Chãs. Vila Nova de Foz Côa*. Liga dos Amigos de Chãs de Foz Côa, Tambores e Vale do Côa.
- VIGIL-ESCALERA, Alfonso (2011) - *Is it really relevant the ethnicity of our historical subjects? Es relevante la etnicidad de nuestros sujetos históricos?*. «Arqueologia y Territorio Medieval», 18. Jaen: Universidad, p. 45-53.